

DIEGO CARVALHO GOMES de SÁ

**UMA INVESTIGAÇÃO DA BISSEXUALIDADE  
EM A CORRESPONDÊNCIA COMPLETA  
DE SIGMUND FREUD PARA WILHELM FLIESS**

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica:  
TEORIA PSICANALÍTICA

Orientador:  
Adela Gueller

COGEAE - PUC/SP

2021

## RESUMO

Esta monografia se propõe investigar a significação das palavras **bissexual e/ou bissexualidade** em *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Procedeu-se a catalogá-las por data e a refletir sobre o conteúdo dos termos em cada aparição. O objetivo do trabalho foi compreender e elucidar o cerne de um conceito crucial da comunidade LGBTQIA+ na construção da teoria psicanalítica da bissexualidade.

**PALAVRAS CHAVES:** bissexualidade, bissexual, Freud, Fliess, história da psicanálise.

## ABSTRACT

The purpose of this monograph is to investigate the intent in which the words bisexual and/or bissexuality are mentioned on the letters in "A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904". Hence cataloging them by date and pondering about the content revolving the terms in each appearance. The goal of this treatise was to comprehend and elucidate the embryo of a crucial concept to the LGBTQIA+ community during the construction of the bissexuality's psychoanalysis theory.

**KEY WORDS:** bissexuality, bisexual, Freud, Fliess, psychoanalysis history.

## INTRODUÇÃO

Meu interesse pela bissexualidade precede minha dedicação aos estudos psicanalíticos e à clínica. O assunto diz respeito à minha vida pessoal e se entrelaça com o meu trabalho, o cinema, acompanhando-me desde tempos também prévios à psicanálise. Investigar sobre os termos **bissexual** e **bissexualidade** em *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*, tem o intuito de adensar, edificar e fertilizar o meu conhecimento. Visa à minha participação e eventual contribuição em discussões pertinentes à comunidade LGBTQIA+, no campo social e psicanalítico. A pesquisa também terá uma lente específica destinada a destrinchar o entendimento da bissexualidade como disposição psíquica inconsciente, identificando o quanto é relevante na obra de Freud.

## OBJETIVO E OBJETO DA PESQUISA

O objetivo desta monografia é visitar o emprego dos termos **bissexual** ou **bissexualidade** nas cartas da correspondência entre Freud e Fliess, catalogar todas as ocorrências e refletir sobre o contexto no qual estão inseridos, traçando o papel que desempenham na constituição da teoria psicanalítica de Freud. Reitero que a reflexão sobre a bissexualidade nesta monografia se localiza num recorte muito específico. O presente estudo não se propõe responder sobre o significado da bissexualidade na teoria Freudiana, pois para tal seria necessário, no mínimo, uma exploração das obras completas.

Com o exercício intelectual e acadêmico da pesquisa, pretendo alcançar alguma elucidação do papel da bissexualidade e da conceituação desta nas origens da formação da teoria psicanalítica, podendo assim utilizá-la como embasamento para dar continuidade a futuras pesquisas acadêmicas.

## JUSTIFICATIVA

A pós-graduação em teoria psicanalítica nos introduz à obra e à teoria de Freud para constituirmos uma boa base teórica da origem e do cerne da psicanálise para, então, adentrarmos e navegarmos pelas águas de outros autores da psicanálise e/ ou até mesmo nos aprofundarmos nas próprias águas freudianas. Para mim, não há outra forma de adentrar, de navegar ou de aprofundar senão o questionar. O questionamento nos possibilita problematizar e tridimensionar um assunto, situando-nos diante dele, para só então compreendermos melhor o nível de assimilação ou de apropriação daquele conhecimento. Por meu histórico pessoal e profissional, tenho o intuito de me munir para fazer uma contribuição sócio cultural ao investigar, compreender e me apropriar do que significa a bissexualidade na constituição da psique humana na obra de Freud. Acredito que a apropriação de tal conhecimento me trará novas perguntas e me abrirá novas portas de compreensão sobre outros temas. É um primeiro passo, um trampolim para possíveis pesquisas subsequentes relacionadas, direta ou indiretamente, à comunidade LGBTQIA+ e à sua inserção na sociedade e na clínica psicanalítica.

## 1º MOMENTO / Introdução

3 menções: Páginas 3 e 4.

Na edição de *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904* da Editora Imago (1986), o termo **bissexualidade** é empregado pela primeira vez logo na introdução, redigida por Jeffrey Moussaieff Masson (autor do livro) e traduzida pela Dra Vera Ribeiro.

No primeiro parágrafo, Masson afirma:

É provável que as cartas de Sigmund Freud a seu amigo mais íntimo Wilhelm Fliess, constituam, isoladamente, o grupo de documentos mais importantes da história da psicanálise. Sem que jamais se pretendesse publicá-las, as cartas abrangem o período de 1887 a 1904, período este que cobre o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Durante os dezessete anos da correspondência, Freud escreveu alguns de seus trabalhos mais revolucionários: *Estudos sobre a Histeria*, *A Interpretação dos Sonhos*, "*A Etiologia da Histeria*" e o famoso caso clínico Dora. Em nenhuma época o criador de um campo totalmente novo do conhecimento humano revelou tão abertamente e com tantos detalhes os processos de raciocínio que conduziram a suas descobertas.

No fim do segundo parágrafo, escreve que a longa série de cartas iria mapear as origens e a evolução da psicanálise. Um pouco mais à frente, ainda na introdução, faz uso do termo **bissexualidade** pela primeira vez.

Não é nada esclarecedor afirmar, como fizeram alguns, que esse relacionamento intenso era transferência e que foi um precursor necessário da auto-análise de Freud. Toda relação amorosa, e essa certamente o era, contém um mistério essencial que ultrapassa a compreensão. O próprio Freud falaria, mais tarde, no componente homossexual dessa amizade<sup>(2)</sup> e, de fato, os dois homens acreditavam que os elementos da bissexualidade são inerentes a todos os indivíduos.

Mesmo antes de lermos o adendo (2) no rodapé, devido ao uso do termo homossexual, é possível especular que aqui a bissexualidade faz referência à atração entre pessoas do mesmo sexo. O adendo número 2 segue:

Ernest Jones (Life 2:92) cita uma carta de Freud a seu amigo e colega Sándor Ferenczi, datada de 6 de Outubro de 1910: “Você não apenas observou, mas também compreendeu que já não tenho nenhuma necessidade de desvendar minha personalidade por completo, e rastreou esse fato acertadamente até sua razão traumática. Desde o caso com Fliess, em cuja superação você me viu ocupado recentemente, essa necessidade se extinguiu. Parte da catexia homossexual foi retirada e empregada para ampliar meu próprio ego. Logrei êxito onde o paranóico fracassa” (grifo original).

Mesmo que seja incerta a extensão da palavra **caso** neste contexto, Freud parece falar sobre um afeto, um investimento, uma concentração de energia psíquica (mental ou emocional), com uma destinação ou orientação de libido em direção à Fliess, um outro homem. Tal investimento supostamente se extinguiu, ou ao menos não se replicou com ou em direção a outro homem, até 1910.

A introdução prossegue e a palavra **bissexualidade** surge outras duas vezes no mesmo parágrafo, agora empregada por Maria Bonaparte em um caderno de notas. A princesa, uma ex-analisante de Freud, tornou-se analista e grande amiga do pai da psicanálise. Empenhou-se com afinco para desmistificar a suposta dívida teórica que Freud sentia para com Fliess. A nota segue:

Quanto à bissexualidade, se Fliess foi o primeiro a falar nela com Freud, não lhe seria possível reclamar prioridade nessa idéia da biologia. “E se ele me deu a bissexualidade, lhe dei a sexualidade antes disso”. Eis aí o que me disse Freud.

A nota de Bonaparte questiona a dívida de Freud para com Fliess, mas segundo as palavras do próprio criador da psicanálise na citação da nota acima, ele parece confirmar a herança do conceito ao dizer que, caso tenha alguma dívida devido à bissexualidade, já a teria pago com antecedência. Afinal, seus estudos e suas intuições avançavam no tocante à sexualidade e à importância dela na questão psicológica.

## **2º MOMENTO / 06 de dezembro de 1896.**

*1 menção: Página 213.*

Apesar de ser a quarta menção à bissexualidade no livro, a primeira citação por Freud vem em uma carta de 06 de Dezembro de 1896. Nela, ele comunica a Fliess que está trabalhando em uma hipótese do funcionamento psíquico, o que parece ser um prelúdio do que viria a se tornar a primeira tópica. Trata-se da chamada “carta 52”, mais tarde intitulada carta 96.

Junto ao relato dessa elaboração, Freud inclui diagramas esquemáticos na tentativa de ilustrar o seu pensamento. Descreve a possibilidade de o nosso mecanismo psíquico (mais tarde denominado aparelho psíquico) ser composto por diferentes tipos de signos: percepções, indicação de percepções, inconsciência e pré-consciência. São expostos na carta da seguinte forma:

- **W** (*Wahrnehmungen* / Percepções): neurônios em que se originam as percepções, às quais a consciência se liga. Em si mesmas, não retêm traço algum do que aconteceu porque a consciência e a memória são mutuamente exclusivas.
- **Wz** (*Wahrnehmungszeichen* / Indicação da Percepção): primeiro registro das percepções; inacessível à consciência e organizado de acordo com associações por simultaneidade.
- **Ub** (*Unbewusstsein* / Inconsciência): segundo registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Acredita-se que os traços do Ub possam corresponder a lembranças conceituais; também é inacessível à consciência.
- **Vb** (*Vorbewusstsein* / Pré-consciência): terceiro registro, ligado à representação da palavra e correspondente ao nosso ego oficial. As catexias provenientes de Vb tornam-se conscientes de acordo com certas regras. A consciência secundária do pensamento é posterior no tempo e é provável que esteja ligada à ativação alucinatória das representações da palavra. Desse modo, os neurônios da consciência também seriam neurônios perceptivos e desprovidos de memória.

No decorrer da carta, Freud expõe outros pensamentos ligados à teoria do possível mecanismo psíquico. Descreve o recalçamento como uma falha de tradução, "como se o desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho da tradução". Uma descarga de prazer é acompanhada pela compulsão, e o desprazer, que ocorre quando não há descarga suficiente, pelo recalçamento. Freud relata que a experiência clínica o familiarizou com três grupos de psiconeuroses sexuais: a histeria, a neurose obsessiva e a paranoia; ensinou-lhe que as lembranças recalçadas (como coloca na carta) se relacionam com o que foi atual. Na histeria, ocorre entre 1 ano e meio e 4 anos de idade; na neurose obsessiva, entre 4 anos e 8 anos; na paranóia, entre 8 anos e 14 anos. A partir daí, explora a ideia de que não há recalçamento antes dos 4 anos de idade e, portanto, os períodos psíquicos do desenvolvimento e as fases sexuais não coincidem. Elabora um cálculo para determinar ciclos e suas ligações com as percepções, determinar indicação de percepção, inconsciência e pré-consciência. Aqui, Freud ainda está tentando criar uma certa lógica, um tanto rígida ou até mesmo determinista, para pensar as estruturas psicopatológicas e o momento de inscrição traumática. Embora seja nessa mesma carta que Freud situa o *posteriori*, o primeiro tempo só é conhecido depois, no segundo tempo do trauma.

A tentativa de estabelecer uma lógica nos cálculos para os ciclos se estende e, como parte das conclusões desse pensamento:

[...] explicar porque o efeito da experiência sexual prematura é, ora a perversão, ora a neurose, valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos. Num ser puramente masculino, haveria um excesso de geração de prazer e, por conseguinte, perversão; em seres puramente femininos, haveria nessas ocasiões um excesso de substância desprazerosa.

Como Freud chega a concluir ou a estabelecer a relação do masculino com o prazer e o feminino com o desprazer? Com que hipótese está trabalhando? Não fica claro, ao menos não na referida carta.

Podemos especular que Freud fala da bissexualidade como uma representante da ambivalência ou da dualidade de forças na psique humana,

de prazer e de desprazer, ligadas ou representadas respectivamente como masculino e feminino. Não se trata, ao menos não aqui, da possível orientação de libido de qualquer um de nós para ambos os sexos, nem da identidade sexual. Freud fala da existência de uma polaridade de afetos inerente a todos nós.

A bissexualidade é vista como representante de forças, representante de tendências contrapostas, não é representação inerente ao sexo ou ao gênero. A bissexualidade estaria ligada à oposição prazer/desprazer, ou talvez ao ativo/passivo?

**3º MOMENTO** / 29 de dezembro de 1897.

*1 menção: Página 291.*

Na carta de 29 de dezembro de 1897, um ano e vinte três dias depois da última menção escrita à bissexualidade, o termo regressa na segunda linha, na segunda frase. Recém-chegado de Breslau, onde se encontrou com Fliess e debateram ideias e teorias, como haviam anunciado com excitação as cartas anteriores, Freud traz o termo 'bi-bi', ou seja, bissexualidade-bilateralidade, ao dizer que a ideia ainda ressoa em seus ouvidos. Porém, devido ao encontro em Breslau, alega estar se sentindo bem demais para trabalhar nela.

Freud menciona:

O que quero agora é uma profusão de material para um teste impiedosamente severo da teoria do sinistrismo [...] A propósito, a questão decorrente dela foi a primeira, em muito tempo, em que nossos palpites e inclinações não seguiram o mesmo curso.

O trecho acima se refere à crença de Fliess de que as pessoas canhotas exibiam as características psicológicas e físicas do sexo oposto, como se a bissexualidade, a dualidade de forças feminina e masculina coexistissem, cada uma em uma lateralidade do corpo de forma topográfica. Uma vez que pessoas canhotas apresentavam características psicológicas e físicas do sexo oposto, poderia se entender que o lado direito seria responsável pela força referente ao

sexo designado no nascimento de uma pessoa. Um pouco antes de encerrar a carta, Freud diz: "Ainda não tive tempo de trocar nenhuma palavra com o meu lado feminino". Apesar do desejo de testar a teoria com severidade, o comentário soa um tanto malicioso. Além do mais, pode se tratar de uma alusão à real fantasia de separação, à distinção ou à polarização entre Freud e Fliess. A inclinação mais esquemática de Fliess em querer juntar numa mesma teoria bissexualidade e bilateralidade parece ser tratada de forma jocosa por Freud. O humor indicaria o início de uma separação ou ao menos de um distanciamento, mesmo que teórico, entre ambos.

**4º MOMENTO** / 04 de janeiro de 1989.

*3 menções: Página 293.*

Esta carta é subsequente à estudada acima e é a resposta à carta de Fliess, à qual não temos acesso. Logo no início, Freud afirma:

Como sempre, a primeira semana após nossas conversas foi muito produtiva para mim [...] É de grande interesse para mim o fato de você se sentir tão afetado por minha atitude ainda negativa quanto a sua interpretação do sinistrismo.

Nos três parágrafos seguintes, Freud procura ser objetivo na tentativa de reconciliação com Fliess e com as ideias defendidas por ele. No primeiro dos parágrafos, a bissexualidade é citada três vezes, mas todos eles orbitam em torno da questão. Por isso, vou replicá-los abaixo para depois comentá-los:

A mim me parece que é assim: abracei literalmente sua ênfase na bissexualidade e considero essa sua idéia a mais significativa para minha matéria desde a da "defesa". Se eu tivesse má vontade por motivos pessoais, por ser eu mesmo parcialmente neurótico, essa má vontade certamente ter-se-ia voltado contra a bissexualidade, a qual, afinal de contas, responsabilizamos pela tendência ao recalçamento. Parece-me que só faço objeção à entremeação da bissexualidade com a bilateralidade, exigida por você. A princípio, não tomei nenhuma posição acerca dessa ideia porque ainda me sentia afastado demais do assunto. Na segunda tarde em Breslau, sentia-me como se tivesse

levado uma pancada na cabeça, em conseqüência da reação nasal; de outro modo, sem dúvida teria podido transformar a dúvida que tive numa objeção, ou melhor, teria podido dominá-la (a ideia) quando você mesmo disse que cada uma das duas metades contém, provavelmente, as duas espécies de órgãos sexuais. Mas onde fica então, por exemplo, a feminilidade da metade esquerda de um homem, se ela contém um testículo (e os correspondentes órgãos sexuais masculinos/femininos interiores), exatamente como a direita? Seu postulado de que, em todos os resultados, o masculino e o feminino precisam estar unidos, já está satisfeito, afinal, numa só metade!

Tive a impressão, além disso, de que você me considera parcialmente canhoto; se é assim, gostaria que me dissesse, pois não há nada capaz de me magoar nesse autoconhecimento. É culpa sua não conhecer todos os detalhes íntimos a meu respeito; você de certo me conhece há bastante tempo. Pois bem, não estou ciente de nenhuma preferência pela mão esquerda, seja no presente, seja na infância; ao contrário, eu poderia dizer que, anos atrás, tinha duas mãos esquerdas. Há apenas uma coisa que gostaria que você considerasse: não sei se é sempre óbvio para as outras pessoas quais são a mão direita e a esquerda delas, e onde ficam a direita e a esquerda nos outros. Em meu caso (em épocas mais remotas), a questão era ter que pensar em qual era a minha direita; nenhuma sensação orgânica me dava essa informação. Eu costumava verificar isso fazendo alguns movimentos de escrever com a mão direita. No que concerne às outras pessoas, até hoje preciso calcular a posição delas e assim por diante. Talvez isso combine com sua teoria; talvez esteja ligado ao fato de que tenho uma capacidade vergonhosamente pequena de visualizar relações espaciais, o que me tornou impossível o estudo da geometria e de todas as cadeiras derivadas dela.

É assim que me parece. Mas sei perfeitamente bem que, apesar disso, talvez seja outra coisa, e que a aversão que experimentei até agora por sua concepção do sinistrismo pode assentar-se em razões inconscientes. Se forem históricas, certamente não terão nada a ver com o assunto em questão, prendendo-se apenas a alguma deixa vocabular; por exemplo, de que eu teria andado fazendo alguma coisa que só se pode fazer com a mão esquerda. Nesse caso, a explicação aparecerá algum dia, Deus sabe quando.

Freud confessa a importância da ideia da bissexualidade que abraçou para a construção de sua teoria. Refere-se a ela outra vez como dualidade de forças (assim como mencionado no 2º momento da presente monografia), responsabilizando-a pela tendência ao recalçamento.

Baseando-se nos três parágrafos de Freud, entende-se que a teoria de Fliess norteava-se pela bilateralidade do corpo: o lado direito (destro) responsável pela força do sexo designado no nascimento do indivíduo, e o esquerdo (canhoto) pelo lado do sexo oposto. Era uma tentativa de localizar fisicamente, topograficamente, os representantes de forças masculinas e femininas em todos nós, ou os responsáveis pela coexistência delas, pela tendência de forças contrárias. Com eloquência, Freud discorda da questão topográfica-corpórea e, cordial, levanta a possibilidade de a sua aversão à teoria ter motivações inconscientes, ainda que improváveis.

Fliess pensa a bissexualidade como forças contrárias no corpo (o predomínio da lateralidade), enquanto Freud transpõe o conceito para o plano psíquico: a noção de conflito psíquico e o recalçamento resultante desse conflito. Para Fliess, corpo e psiquismo estão correlacionados, para Freud não. Para o último, a bissexualidade se transpõe do corpo para o psiquismo, separando-se da sua origem. Ela independe de qualquer topografia corporal.

**5º MOMENTO** / 15 de março de 1898.

*1 menção: Página 304.*

Pouco mais de 2 meses após a última menção, a bissexualidade volta a ser citada na carta de 15 de março de 1898. Porém, não é empregada no decorrer da teoria, é utilizada como um ponto de referência temporal, uma lembrança. Freud diz:

E também não subestimo nem um pouco a bissexualidade; tenho esperado que ela forneça todos os esclarecimentos adicionais, especialmente desde aquele momento, no mercado de Breslau, em que nos descobrimos dizendo a mesma coisa. Só que, neste momento, sinto-me muito distante dela, pois, enterrado num poço profundo, não enxergo mais nada.

No restante do texto, Freud fala de esgotamento, de cansaço e de como sua produtividade no trabalho é influenciada pela distância dos congressos, numa menção aos encontros com Fliess. Oferece enviar a Fliess os escritos

sobre a interpretação dos sonhos e lhe adianta um breve esquema. Comenta sobre o desejo de estudar o *Édipo Rei* e sobre a esperança de que a obra, assim como *Hamlet* e o conto de fadas do talismã, encontrem lugar nas escrituras que dedicará ao assunto.

Mesmo sem acesso à carta de Fliess à qual Freud responde, é possível supor que Fliess atenta para que o pai da psicanálise não subestime a relevância da bissexualidade, uma vez que Freud revela estar longe de enxergar da mesma forma. Na verdade, Freud demonstra altas expectativas quanto à possibilidade de tal conceito desvelar todos os esclarecimentos faltantes. Por fim, atribui ao cansaço o fato de não conseguir enxergar as respostas que acredita estarem na bissexualidade.

É curioso o desenho de pensamento teórico que a carta revela. Tenha sido ele causado por esgotamento ou não, surge uma via inversa a outros momentos. É o desejo de que certas obras literárias se insiram na teoria psicanalítica. Ao invés de procurar na literatura possibilidades de exemplificação do que foi achado em clínica, Freud quer identificar a teoria na literatura. Acredita que a literatura tem poder explicativo tanto quanto a clínica. Há uma suspeita ou uma aposta de obter respostas em tal fonte, mas há também uma exigência de encontrar as respostas em tal aposta.

Um questionamento que prevalece é: quais, especificamente, seriam os esclarecimentos adicionais que Freud buscava? Exausto por buscar respostas a enigmas teóricos e clínicos, ele exprime o desejo de encontrar na bissexualidade uma resposta abrangente para questões teóricas e clínicas. A bissexualidade ocupa um local de esperança.

**6º MOMENTO** / 01 de agosto de 1899.

*1 menção: Página 365.*

Mais de um ano se passa até a próxima menção da bissexualidade nas cartas, datada de 01 de agosto de 1899. Entre notícias sobre a família e a elaboração do livro que viria a ser *A Interpretação dos Sonhos*, no fim da carta Freud escreve o seguinte parágrafo:

Quanto mais longe fica o trabalho do ano passado, mais satisfeito me sinto. Mas a bissexualidade! É claro que você tem razão quanto a ela. Estou-me acostumando a encarar cada ato sexual como um processo em que há quatro indivíduos envolvidos. Temos muito a discutir sobre esse tema.

É evidente que Freud e Fliess se encontraram, realizaram congressos a dois e discutiram mais sobre bissexualidade, deixando-nos sem os registros da evolução dos acontecimentos desde a última carta de Freud.

Freud demonstra estar convencido sobre a questão da bissexualidade, tempero constante em seus pensamentos, imaginando e, por consequência, reconhecendo as quatro forças no ato sexual entre duas pessoas. Ambos mulheres e homens são dotados de duas forças específicas, ambivalentes, o que até então se entende por uma força feminina e outra masculina. O lado contrário (para o homem, a mulher e para a mulher, o homem) está representado nas fantasias inconscientes presentes no leito de qualquer casal, independentemente da identidade de gênero ou de sexo. A sexualidade é sempre conflitiva. A bissexualidade volta a ser um modo de falar do inconsciente no aspecto sexual e, portanto, conflitivo.

**7º MOMENTO** / 30 de janeiro de 1901

*2 menções: Página 435.*

A carta datada de 30 de janeiro de 1901 é posterior ao lançamento de *A Interpretação dos Sonhos*. Mais uma vez entre notícias da família, Freud anuncia a Fliess *Sonhos e Histeria* (título original de *A Interpretação dos Sonhos*) em um único parágrafo:

*Sonhos e Histeria*, se possível, não deverá desapontá-lo. O principal nele é, mais uma vez, a psicologia, a utilização dos sonhos e algumas particularidades dos processos inconscientes de pensamento. Há apenas vislumbres (de elementos) do orgânico, isto é, das zonas erógenas e da bissexualidade. Mas a bissexualidade é mencionada e especificamente reconhecida de uma vez por todas, e está preparado o

terreno para um exame pormenorizado dela em outra ocasião. Trata-se de uma histeria com tosse nervosa e afonia, ambas as quais podem ser rastreadas até o caráter da sucção do bebê, e a questão principal nos processos de pensamento conflitantes é o contraste entre uma inclinação para os homens e uma inclinação para as mulheres.

Pontuando que o principal teor da escrita é a psicologia (o psíquico), Freud complementa que, no tocante ao orgânico, há apenas elementos opacos, vestígios que lhe permitem conjecturar ou suspeitar que as zonas erógenas e a bissexualidade se encontrem entre eles. De forma sutil ou respeitosa, Freud tenta distanciar a bissexualidade do orgânico. Opta por não atrelar de forma direta e clara a bissexualidade ao orgânico, apesar de reconhecer e operar o pensamento e a teoria, partindo do princípio que todos e cada um de nós temos uma natureza psíquica bissexual. Por vezes, também a apresenta como atração - ou inclinação, como colocado na citação acima - por ambos os sexos.

**8º MOMENTO** / 07 de agosto de 1901.

*1 menção: Página 448.*

Em torno de 7 meses depois, a bissexualidade se faz presente outra vez. Segue a décima terceira menção:

E agora, o principal! Tanto quanto posso perceber, meu próximo trabalho se chamará “A Bissexualidade Humana”. Descerá à raiz do problema e dirá a última palavra que me seja facultado dizer — a última e a mais profunda. Por ora, tenho apenas uma coisa para ele: a compreensão primordial que, já há muito tempo, ergueu-se sobre a ideia de que o recalçamento, meu problema nuclear, só é possível através da reação entre duas correntes sexuais. Precisarei de aproximadamente seis meses para reunir o material e espero descobrir que agora é possível executar esse trabalho. Mas, nesse caso, vou precisar de uma discussão longa e séria com você. A ideia em si é sua. Você se recorda de eu lhe ter dito, anos atrás, quando você ainda era especialista e cirurgião nasal, que a solução estava na sexualidade. Muitos anos depois, você me corrigiu, dizendo que estava na bissexualidade — e vejo que tinha razão. Assim, talvez eu precise tomar ainda mais coisas de empréstimo a você; talvez meu senso de

honestidade me obrigue a pedir-lhe que seja co-autor do trabalho comigo; desse modo, a parte anátomo-biológica ampliaria seu alcance — a parte que, se eu fizesse sozinho, seria minguada. Eu me concentraria no aspecto psíquico da sexualidade e na explicação do neurótico. Esse é, portanto, o próximo projeto para o futuro imediato, que espero torne a unir-nos adequadamente também nos assuntos científicos.

Detecta-se um tom, um desejo de reconciliação e de reaproximação da parte de Freud, mas a que custo? É curioso o convite de Freud para que Fliess seja coautor de seu próximo trabalho, delegando-lhe a parte anátomo-biológica enquanto o próprio se aterá aos aspectos psíquico e neurótico. Por mais que reafirme a inclinação de Freud para tratar a bissexualidade no psiquismo e não no orgânico, uma dúvida persiste: afinal, o anátomo-biológico tem espaço ou não na teoria de bissexualidade de Freud?

Infelizmente, não há texto algum de Freud intitulado "A Bissexualidade Humana". Analisando as obras completas, levando em consideração o teor que o título sugere, supondo que o lançamento teria ocorrido após agosto de 1901 (data da carta), conclui-se que o texto ou nunca foi lançado ou foi gestado por sete anos, resultando em *As Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade* (1908). Também pode ter sido o embrião do importantíssimo *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905. Contudo, deixarei o enigma aos historiadores.

É intrigante supor e refletir que o que se tornou os *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* partiu do desejo de desvendar a bissexualidade humana, indo até a raiz, para jogar luz sobre o recalçamento e o funcionamento por reação entre duas correntes sexuais.

A citação acima explicita a centralidade da bissexualidade na teoria de Freud. Sem ela, o problema nuclear da teoria - o recalque - não existe.

**9º MOMENTO** / 19 de setembro de 1901

*4 menções: Página 451.*

Na carta que abre o último capítulo, O fim do Relacionamento, Freud alinha mal-entendidos com Fliess relativos às correspondências do último ano, em especial à carta anterior e à propriedade sobre a teoria da bissexualidade. Segue a passagem em que a bissexualidade aparece:

    Não compreendo sua resposta a respeito da bissexualidade. Obviamente, é muito difícil nos entendermos. Decerto não tive nenhuma intenção de fazer coisa alguma senão elaborar minha própria contribuição para a teoria da bissexualidade, aperfeiçoando a tese de que o recalçamento e as neuroses, e portanto, a independência do inconsciente, pressupõem a bissexualidade.

    A essa altura, você já terá verificado, pela referência destacada a sua prioridade no "Cotidiano", que não tenho nenhuma intenção de ampliar meu papel nessa descoberta. Mas o estabelecimento de alguma ligação com os aspectos biológicos e anatômicos gerais da bissexualidade seria, afinal, indispensável em qualquer trabalho dessa natureza. Uma vez que quase tudo o que sei a esse respeito provém de você, tudo o que posso fazer é citá-lo ou obter essa introdução diretamente de você. Neste exato momento, não estou nem um pouco ansioso por ser publicado. Enquanto isso, sem dúvida teremos uma oportunidade de discutir o assunto. Não se pode dizer, simplesmente, "A consciência é dominante e o inconsciente é o fator sexual subjacente", sem com isso fazer uma super-simplificação grosseira de uma questão muito mais complexa, ainda que esse seja, é claro, o fato básico.

Além do contínuo desentendimento ou da contínua discordância entre os dois no tocante à bissexualidade e à apropriação ou à propriedade dela, o primeiro parágrafo nos informa da visão de Freud sobre a necessidade da bissexualidade para o aparelho psíquico. Freud escreve sobre a independência do inconsciente em relação ao corpo ou à organicidade, que o recalçamento e as neuroses são do âmbito psíquico, a despeito de qualquer topografia corporal. Para as formações dos recalques e das neuroses, o psiquismo requer, no mínimo, duas correntes sexuais.

O segundo parágrafo traz um Freud empenhado em transformar a teoria psicanalítica em ciência. Para tal, especulo que conta com a colaboração de Fliess para que possam rastrear, desenvolver, uma possível ligação com o orgânico ou o biológico. Por mais que esteja claro para Freud que a bissexualidade psíquica não está ligada ao corpo, ele insiste na busca pelo viés científico. Hoje, compreende-se que a relação entre a biologia humana e a bissexualidade psíquica é a de mera coexistência em um mesmo corpo. A bissexualidade psíquica é inerente ao humano e ao funcionamento do aparelho psíquico, independente de quaisquer determinações anatômicas.

## CONCLUSÃO

Considerando-se que um dos intuitos iniciais desta monografia é o de catalogar as passagens contendo os termos **bissexual** e **bissexualidade** em *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*, segue um anexo com as demais aparições localizadas na conclusão do livro. Jeffrey Moussaieff Masson, autor do texto, inicia com um comentário em que cita a bissexualidade, e prossegue com mais cartas, agora não só as escritas por Freud, mas também as respostas e as indagações de Fliess registradas em manuscritos encontrados em Maresfield Gardens. As correspondências têm como epicentro a bissexualidade e a propriedade de tal teoria, o que justifica o emprego da palavra em todas as cartas. Porém, nada agregam à investigação do que seria a bissexualidade e a respectiva teoria no período em que Fliess e Freud se corresponderam. Evidenciam o clima afetuoso entre os dois autores diante do divórcio intelectual, e o que aparenta ser o filho do casal: a bissexualidade.

Fecundada por Fliess, a teoria da bissexualidade é gestada por Freud na teoria psicanalítica. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*, testemunha esse processo e flagra a formação dos alicerces da psicanálise. No sobrevoo pelas cartas, em especial aquelas que citam a bissexualidade, podemos refletir sobre a dimensão da importância do termo para a psicanálise. Termo este que se faz presente desde a introdução até a conclusão.

A primeira questão na qual devemos atentar é a elaboração da bissexualidade na compreensão de Freud. No início, a bissexualidade é encarada como representante da ambivalência ou da dualidade de forças na psique humana, de prazer e de desprazer. Por vezes, é vista como a atração ou a inclinação por ambos os sexos. Por fim, é colocada de maneira mais ampla como a síntese de correntes sexuais do psiquismo.

De acordo com Freud, a segunda questão inegável é a do entrelaçamento indivisível do recalque com a bissexualidade (ou correntes sexuais), a necessidade de um para a existência do outro. Embora o assunto

tenha sido menos teorizado nas cartas aqui destacadas, sem dúvida orbitou constantemente os estudos. De acordo com o material recortado, entendemos que o desprazer ocorre quando não há descarga suficiente, logo ela é acompanhada pelo recalçamento. Como colocou Freud, é "como se o desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho da tradução". Podemos elaborar que são necessárias, no mínimo, duas forças de destinos distintos, e não opostos, para gerar uma tangencial, um conflito. Uma vez que só existe atrito entre dois elementos que se tocam, apenas haverá conflito se as duas forças não forem paralelas, se elas precisarem se cruzar, se tocar, se tiverem destinos distintos. Acredito que, partindo de um ponto semelhante, Freud tenha sentido a necessidade de uma força ambivalente, que possuísse dois valores ao mesmo tempo. A "corrente sexual" (mais tarde entendida como pulsão sexual ou libido) teria duas correntes, uma destinada ao feminino e outra ao masculino.

Ouso interpretar que o que Freud coloca a princípio como prazer, representado pelo masculino, e desprazer, representado pelo feminino, nada mais é do que um símbolo, um *avatar* de fácil cognição para os significantes da época. O masculino gozava com plenitude de todos os privilégios sociais (prazer) e o feminino não (desprazer). Se antes nunca atrelados aos conceitos de masculino e feminino, poderiam facilmente ter sido representados, por exemplo, como positivo e negativo ou ativo e passivo - conceitos associados a prazer e desprazer. O problema é a flexibilidade com a qual Freud emprega a bissexualidade pois, por vezes, a utiliza para se referir à atração sexual.

No recorte das cartas, no período correspondente da formação da teoria psicanalítica, não é possível interpretar com precisão o que Freud constrói como bissexualidade. Compreende-se que é necessário tomar cada caso com atenção particular, para sermos flexíveis na leitura da bissexualidade na teoria psicanalítica assim como fez Freud.

Outras perguntas já surgem no horizonte: se somos bissexuais, por que não bancamos isso? Qual a necessidade do recalque? Afinal, se um dos lados da bissexualidade é recalçado, é porque não o bancamos, certo? O recalque da bissexualidade é causado pelo aspecto sócio cultural? O que aconteceria

em um cenário sócio cultural sem a opressão? Seria então a natureza da sexualidade o conflito?!

## ANEXO

Na conclusão do livro, a bissexualidade é mencionada na segunda página, quando o editor Jeffrey Moussaieff Masson comenta sobre uma faceta do rompimento do relacionamento entre os correspondentes:

[...] Freud não apenas compartilhou das opiniões de Fliess sobre a importância deste para a biologia, como também concordou em que ele, Freud, havia tentado roubar a proeminência de Fliess. Freud reconheceu isso abertamente numa passagem da *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (S.E. VI: 143-144):

*“Certo dia, no verão de 1901, fiz esta observação a um amigo com quem, na época, costumava ter um intercâmbio ativo de idéias científicas: “Esses problemas das neuroses só poderão ser solucionados se nos basearmos total e completamente no pressuposto da bissexualidade original do indivíduo”. Ao que ele retrucou: “Isso foi o que eu lhe disse em Breslau há dois anos e meio, quando fizemos aquele passeio à noite. Mas, na ocasião, você se recusou a ouvir falar no assunto”. É doloroso ser solicitado dessa maneira a renunciar à própria originalidade. Não consegui recordar nenhuma conversa desse tipo, nem o tal pronunciamento de meu amigo. Um de nós devia estar errado e, com base no princípio do “cui prodest?”, devia ser eu mesmo. Com efeito, no decorrer da semana seguinte, lembrei-me de todo o incidente, que fora exatamente como meu amigo me havia tentado lembrar; recordei-me até da resposta que lhe dei na ocasião: “Ainda não aceitei isso; não estou inclinado a discutir essa questão”. Desde então, porém, tornei-me um pouco mais tolerante quando, ao ler a literatura médica, deparo com uma das poucas idéias às quais meu nome pode ser associado e constato que meu nome não foi mencionado”.*

Esse trecho, juntamente com as últimas cartas de Freud a Fliess, comprova os sentimentos de culpa de Freud perante o colega e sua convicção de ter sido legitimamente acusado de uma indiscrição. Talvez a posteridade seja mais gentil com Freud do que ele foi consigo mesmo, e mais inclinada a admirar-lhe a honestidade nessa situação embaraçosa. Vista em retrospectiva, a opinião severa de Freud sobre seu próprio comportamento não parece ser nada além de um remanescente de sua super valorização inicial das realizações científicas de Fliess. Ele emerge do episódio da bissexualidade como o indivíduo mais generoso, tanto emocional quanto intelectualmente.

A seguir, encontram-se na íntegra as cartas que Jeffrey Moussaieff Masson utilizou na conclusão do livro. O termo *bissexualidade* aparece em todas elas, numa tentativa de solucionar a propriedade da teoria da bissexualidade.

Hotel Meissl & Schadn  
Viena, 20 de julho de 1904

Caro Sigmund,

Deparei com um livro de Weininger em cuja primeira parte, biológica, encontrei, para minha consternação, uma descrição de minhas idéias sobre a bissexualidade e a natureza da atração sexual dela decorrente: homens femininos que atraem mulheres masculinas e vice-versa. Com base numa citação [do livro], constatei que Weininger conhecia Swoboda — seu discípulo — (antes da publicação do livro) e fui informado aqui de que os dois homens eram *intimi*. Não tenho nenhuma dúvida de que Weininger tomou conhecimento de minhas idéias através de você e abusou da propriedade alheia. Que sabe você sobre o assunto? Tenha a bondade de me fornecer uma resposta franca (para meu endereço de Berlim, pois estarei partindo de Viena na noite de 23).

Com meus cumprimentos cordiais,  
Seu, Wilh.

V. Sonnenfels  
23 de julho de 1904  
IX., Berggasse 19

Caro Wilhelm,

Também sou de opinião que o falecido Weininger era um ladrão com uma chave que apanhou por aí. Eis tudo o que sei a esse respeito. Swoboda, que era amigo íntimo dele e que soube da bissexualidade (que é tema de discussão em todos os tratamentos) por meu intermédio, mencionou a palavra “bissexualidade” — segundo afirma — ao verificar que Weininger estava preocupado com problemas sexuais. Ao que Weininger deu com a mão na testa e correu para casa para

escrever seu livro. Não estou em condições de julgar se esse relato é correto.

Além do mais, acredito que Weininger, que supostamente se matou por medo de sua natureza criminoso, poderia ter obtido a ideia da bissexualidade em outro lugar, pois ela tem aparecido na literatura há algum tempo. A correspondência dos detalhes é explicável, sem nenhuma dúvida, da seguinte maneira: uma vez apresentado à ideia, ele deduziu corretamente algumas das inferências — e uma parcela maior, é claro, incorretamente. E isso porque Swoboda afirma que não lhe deu nenhuma informação adicional; e nem tampouco teria nenhuma para dar, pois não soube de mim mais do que aquilo que emerge do tratamento: que uma forte corrente homossexual é encontrada em todos os neuróticos.

Swoboda não é, como escreve você, *meu discípulo*. Veio procurar-me como paciente gravemente enfermo, recebeu a mesma ajuda e aprendeu as mesmas coisas que todos os outros [pacientes]; não tenho participação alguma na descoberta dele, que versa mais sobre suas idéias. Não li o livro dele antes da publicação; quando o li, fiquei muito surpreso com o tipo de gratidão neurótica ali exibida, isto é, com a maneira como ele utiliza suas descobertas para atacar minha teoria dos sonhos. Ele simplesmente me explorou, até mesmo, finalmente, para que eu lhe arranjasse um editor, o que fiz; e, em vista das qualidades dele como investigador, explicitamente abstenho-me de qualquer responsabilidade por seu trabalho. Estou sempre disposto a fazer esse tipo de coisa, com a intenção de jamais lamentá-las mais tarde.

No momento, estou concluindo os “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, onde evito o tópico da bissexualidade tanto quanto possível. Há dois pontos em que não posso fazê-lo: na explicação da inversão sexual — nesse ponto, vou até onde permite a literatura (Krafft-Ebing e predecessores, Kiernan, Chevalier e os outros) — e ao mencionar a corrente homossexual nos neuróticos. Nesse ponto, planejo acrescentar uma nota [no sentido] de que fui alertado para a necessidade dessa descoberta por certas observações suas. Ou talvez você queira propor-me uma formulação equiparável. O resto versa sobre a vida sexual infantil e os componentes dos impulsos sexuais.

Com minhas cordiais saudações,  
Seu, Sigm.

Berlim, 26 de Julho de 1904.

Caro Sigmund,

Com que então o que Oscar Rie me disse, com toda inocência, quando mencionei Weininger, estava errado: disse ele que Weininger foi procurar você com o manuscrito e que, depois de examiná-lo, você o desaconselhou a publicá-lo, pois o conteúdo era absurdo. Creio que, nesse caso, você deveria ter chamado a atenção dele e a minha para o “furto”. É óbvio que o próprio Weininger não acreditava — como você — que *pudesse* conseguir em outro lugar a idéia da bissexualidade persistente e inevitável de todos os seres vivos (e não apenas de uma predisposição à bissexualidade). E isso porque, na página 10, ele afirma que a ideia, nessa formulação, é inteiramente nova. Eu lhe ficaria muito grato se você pudesse relacionar para mim as outras fontes sobre as quais escreveu — Krafft-Ebing, Kiernan, Chevalier etc. — de tal modo que eu pudesse localizá-las com facilidade, pois não estou bem familiarizado com a literatura.

Além disso, em seu arrenoplasma e teleplasma, Weininger furtou também a ideia de que a substância viva é feminina e masculina em todos os seres vivos — uma ideia que deduzi da ocorrência regular de 28 e 23 nos homens e nas mulheres.

Até agora, eu não tinha conhecimento do que soube em sua carta — de que você está usando [a idéia da] bissexualidade persistente em seus tratamentos. Conversamos sobre isso pela primeira vez em Nuremberg, quando eu ainda estava deitado e você me contou a história clínica da mulher que sonhava com cobras gigantescas. Na ocasião, você ficou muito impressionado com a ideia de que as correntes subjacentes da mulher pudessem provir da parte masculina de sua psique. Por essa razão, fiquei ainda mais intrigado com sua resistência, em Breslau, à pressuposição da bissexualidade na psique. Em Breslau, também lhe falei sobre a existência de um grande número de maridos canhotos entre meus conhecidos e, a partir da teoria do sinistrismo, elaborei para você uma explicação que corresponde *nos mínimos detalhes* à de Weininger (que não sabe nada sobre o sinistrismo). Naturalmente, você rejeitou o sinistrismo em si e, como você próprio admitiu com toda a franqueza, esqueceu-se por algum tempo da nossa discussão sobre a bissexualidade.

Como não soubesse que seu tratamento requer a menção à bissexualidade, não suspeitei de que o amigo íntimo de Weininger, o Dr. Swoboda, fosse seu paciente — menos ainda quando você o comparou a Gattel em sua carta e acrescentou: “Mas creio que estou começando

a dispor de melhor material estudantil”.

Sem dúvida, ambos desejaríamos ter tido uma razão melhor para nos correspondermos do que discutir um *ladrão*. Oxalá o futuro possa trazê-la para nós.

Com saudações cordiais,  
Wilhelm.

27 de julho de 1904  
IX., Berggasse 19W.

Caro Wilhelm,

Vejo que tenho de reconhecer-lhe mais direitos do que estava disposto a fazer originalmente; estou atônito diante de meu esquecimento do quanto me havia queixado de meu discípulo Swoboda e de ter encoberto a visita que Weininger me fez (da qual, no entanto, não me esqueci). Esta última foi precisamente como Rie lhe relatou; o manuscrito que me foi mostrado, porém, tinha uma redação inteiramente diferente da do livro impresso; fiquei também muito alarmado com o capítulo sobre a histeria, que fora escrito *ad captandam benevolentiam meam* [para captar minha benevolência], mas é claro que o tema subjacente da bissexualidade era reconhecível, e devo ter lamentado, na ocasião, que através de Swoboda, como já sabia, eu tenha passado sua idéia a ele. Em combinação com minha própria tentativa de furtar-lhe sua originalidade, compreendo melhor meu comportamento para com Weininger e meu esquecimento subsequente.

Não creio, por outro lado, que devesse ter gritado “Pega ladrão!” naquele momento. Antes de mais nada, isso não teria tido nenhuma serventia, pois um ladrão pode perfeitamente alegar que a ideia é dele, e as idéias não são patenteadas. Pode-se guardá-las para si — e é recomendável que se aja desse modo quando se atribui grande importância ao direito de propriedade. Uma vez deslanchadas, elas seguem seu próprio rumo. Ademais, naquela ocasião, eu já estava familiarizado com as referências da literatura em que a ideia da bissexualidade é usada para explicar a inversão. Você há de admitir que uma mente talentosa consegue facilmente, por si só, dar o passo que vai da predisposição bissexual de alguns indivíduos para a extensão dela a todos os indivíduos, embora esse passo seja seu *novum*. Para mim, pessoalmente, você sempre foi (desde 1901) o autor da ideia da bissexualidade; receio que, ao examinar a literatura, você constate que muitos chegaram pelo menos tão perto quanto você. Os nomes que lhe mencionei estão em meu manuscrito; não trouxe livros comigo, de modo

que não posso fornecer-lhe uma documentação mais precisa. Você certamente a encontrará na *Psycopathia sexualis* de Krafft-Ebing.

Além disso, eu tinha certeza (e ainda tenho) de que não dei a Swoboda nenhum detalhe de suas comunicações. A universalidade da predisposição bissexual é tudo o que se menciona no tratamento, e disso eu preciso nele. Desde a experiência que narrei com franqueza no “Cotidiano”, tenho suspeitado de que um de nós poderia vir a lamentar nosso antigo intercâmbio irrestrito de idéias e tenho me esforçado com êxito por esquecer os pormenores de suas comunicações. Naquela ocasião, é evidente que me recriminei vagamente, como hoje faço com completa clareza, por minha generosidade ou meu descuido com sua propriedade. Agora, posso presumir que o dano causado a você por Weininger foi muito superficial, pois ninguém há de levar a sério o trabalho ordinário dele e você poderá, se isso lhe valer a pena, esclarecer as circunstâncias. Furtar não é tão fácil quanto Weininger imaginou — é com isso que me consolo, e gostaria que você também se consolasse.

Você não é o único a lamentar, pois também eu o faço, que esse incidente em que você me reprova tenha re-despertado uma correspondência há muito adormecida. Não é culpa minha, porém, que você só encontre o tempo e a inclinação para se corresponder comigo novamente por ocasião desses incidentes mesquinhos. A verdade é que, nestes últimos anos — o “Cotidiano” é a linha divisória — você não mais demonstrou nenhum interesse em mim, nem em minha família, nem em meu trabalho. Agora, já superei isso e tenho pouco desejo desse interesse; não o estou recriminando e peço que você não responda a esse ponto.

Tenho um outro pedido. Ao longo de minha vida, tenho espalhado sugestões livremente, sem indagar o que resultará delas. Posso admitir, sem me sentir diminuído, que aprendi isto ou aquilo com outras pessoas. Mas nunca me apropriei de algo que pertencesse a outrem — só as pessoas como Gartner podem afirmar isso. Agora, portanto, com respeito à bissexualidade, também não quero ficar nessa posição diante de você, menos ainda considerando que, precisamente da mesma maneira, você resolveu expressar sua apreciação por um outro |e| sua reprovação a mim (o caso de Swoboda). Confio em que ainda terá a gentileza de me ajudar a sair de meu apuro atual através da leitura dos comentários sobre a bissexualidade nas provas de meus recém-concluídos “Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, modificando-os a seu contento. Seria mais fácil adiar a publicação até que você tivesse entregue sua biologia ao público. Mas não sei quando isso se dará. Você dificilmente se apressaria para me favorecer. Nesse meio tempo, não posso fazer nada, nem sequer terminar o *Chiste*, que, num ponto crucial, está parcialmente baseado na teoria da sexualidade. Também não ganho nada com a espera de sua publicação, pois, nesse caso, não teria possibilidade de evitar o tópico da bissexualidade, como

faço agora; eu teria que assumir uma posição e acabaria por preparar novos trabalhos. Por outro lado, há tão pouco de bissexualidade ou de outras coisas emprestadas por você no que digo que, com alguns comentários, posso fazer justiça a sua participação. Preciso apenas ter certeza de que você concorda com eles e não encontrará neles justificativas para recriminações posteriores.

Peço-lhe que responda a *isso*. Com meus cumprimentos cordiais  
Seu, Sigm.

P.S. Mobius dedicou um panfleto, "O Sexo e a Imodéstia" ao livro de Weininger; naturalmente, também não o trouxe comigo. Ele alega que várias das ideias de Weininger são dele (Mobius). Você decerto se interessará em saber quais são.

## BIBLIOGRAFIA

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887/1904*; Tradução de Vera Ribeiro. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, Sigmund. (1900) Os Meios de Representação do Sonho. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. vol. 4. 1ª ed. - São Paulo: CIA das Letras, 2016, p. 374.

FREUD, Sigmund. (1900) A Representação por Meio de Símbolos no Sonho - Outros Sonhos Típicos. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. vol. 4. 1ª ed. - São Paulo: CIA das Letras, 2016, p. 402, 442.

FREUD, Sigmund. (1900) A Realização do Desejo. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. vol. 4. 1ª ed. - São Paulo: CIA das Letras, 2016, p. 622.

FREUD, Sigmund. (1900) Os Processos Primário e Secundário. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. vol. 4. 1ª ed. - São Paulo: CIA das Letras, 2016, p. 659, 660NA.

FREUD, Sigmund. (1905). As Aberrações Sexuais In: *Obras completas de Sigmund Freud*. vol. 6. 1ª ed. - São Paulo: CIA das Letras, 2016, p. 28-29, 31, 32NA, 34, 37NA, 55.

FREUD, Sigmund. (1905). As Transformações da Puberdade In: *Obras completas de Sigmund Freud*. vol. 6. 1ª ed. - São Paulo: CIA das Letras, 2016, p. 133, 140.

FREUD, Sigmund. (1908). As Fantasias Históricas e Sua Relação Com a Bissexualidade. In: *Obras completas de Sigmund Freud*. vol. 8. 1ª ed. - São Paulo: CIA das Letras, 2016, p. 348-349.